O AMOR

, mas então, querido, o que eu posso dizer de um homem, ou até de vários homens? O que eu posso dizer não é em absoluto o que todas as outras mulheres dizem, pra mim nada foi óbvio nem fácil nem oferecido, e o diabo é quando a dúvida se torna fato e alcança o teto – aí o problema surge como um dragão mandando fogo. Tudo o que se faz e se pensa parece veneno, parece que está errado, é uma avalanche que despenca de um morro sem fim, da altura máxima, e é um peso enorme na cabeça. Então é preciso se acostumar, é isso que uma mulher tem de fazer.

O que eu quero dizer, querido, é que com Rodolfo foi tudo isso. Bem, a família dele é rica, ele é rico, trabalham com minas de carvão no sul do país, eles são gente de olhos azuis e bolso sem fundo, muito, muito dinheiro que poderia comprar uma cidade inteira, se quisessem ter uma cidade, é claro. Rodolfo me conheceu da maneira mais imprópria possível: eu servindo cafezinho no escritório que era onde eu trabalhava. Ele, terno e gravata e olhos nas minhas pernas que são esculpidas e muito arredondadas, duras, você pode ver e pode sentir, usar. Rodolfo foi mais algumas vezes lá, e os negócios fluíam e minhas pernas cada vez mais próximas. Eu servindo o cafezinho quente, procurando o azul dos olhos de Rodolfo, e então o que eu queria muito aconteceu. Bem, queria naquela época, porque hoje eu não sei se ia arriscar porque as coisas nem sempre dão certo, e o que é que pode acontecer com uma mulher que nem reconhece o próprio assento? Ele calculou meu horário e me esperou sair. Foi então que aquele Rodolfo que eu via sempre sentado eu pude ver em pé, a altura de um mastro e

a largura desses nadadores de olimpíada, os olhos grandes, o cabelo aparado num corte de homem, a pele fina mas nem tanto, a aparência jovem de uns trinta e poucos. Saiu do carrão, encostou-se nele e enfiou fundo um sorriso na minha carne. Tudo quanto é víscera minha – quer saber? – ficou aos pulos. Rodolfo ofereceu-se pra me levar em casa. Sua voz era firme mas tinha alguma coisa de doce. É subúrbio, eu disse e ele nem ligou porque na verdade sabia, ou pelo menos suspeitava – afinal uma servente vai morar onde? Carro cheio de luzinhas no painel, ar condicionado pra um início de noite cheia de calor, mas não o suficiente para mim, que era uma queimada, um incêndio desmatando tudo. Ele falou alguma coisa, várias coisas, foi falando o nome e o sobrenome e eu ouvindo a voz que vinha de dentro, grossa e firme, mas delicada, como eu já disse. É claro que fui pensando o óbvio: o homem primeiro vigiou minhas pernas, deve ter imaginado como eu seria nua, na frente dele, sei lá, dançando, tirando a roupa, beijando a boca e outras partes, sabe? É comum isso: um cara com carro bonito, certamente um empresário, um executivo, um homem que provavelmente tem uma noiva ou até, quem sabe, uma esposa que ele maneja por controle remoto, essas coisas. Aí vê uma servente gostosa como eu, corpo equilibrado, tesudo, não é mesmo, não sou assim? Então. É, mas Rodolfo acho que poderia ter um monte de mulheres, foi o que pensei bem rápido, antes que eu mesma me deixasse animar. Inverti o início do jogo: pedi que ele me deixasse num ponto de ônibus. Ele perguntou por quê. Eu disse que não queria que me vissem chegando de carro com um desconhecido porque as coisas iam tremer. Todo o mundo ia falar de mim e sou solteira e responsável. Quantos anos?, ele perguntou. Foi aí que entrei como uma lâmina na

garganta dele: dezenove completos, falei, sempre olhando pra frente, fingindo que isso de idade não importa, e vejo que hoje não importa mesmo. Ele se surpreendeu e quis saber mais. É claro que dezenove anos significam pouca idade, mas também significam pouco uso, quase um lacre, pelo menos na teoria, e então Rodolfo ficou mais atiçado porque eu era uma menina e ele um homem e essa é a vida pra eles. Ele insistiu e eu falei que estava bom, mas perto de casa, não precisa me levar até lá. Ele gostou e eu, é claro, muito mais ainda. E assim conversamos pela primeira vez: eu Camila e ele Rodolfo. Ah, mas é claro que ele voltou ao escritório, ia deixar de ir? Primeiro porque os negócios e depois porque eu. E aí eu ficava sorrindo cá comigo mesma e toda riso ia pra cozinha e ficava imaginando as boas porcarias que, imagino, os homens podem ensinar. Depois do expediente, eu e ele lá embaixo, o carro comendo o asfalto e Rodolfo cada vez mais chegado, já me chamando pelo nome no diminutivo, contando a vida dele e fazendo umas perguntas que eu sabia as respostas de cor. Dois namoradinhos, parecia. Fui amarrando Rodolfo aos pouquinhos ou pelo menos eu pensava que meus vários nós não fossem frouxos e então me enganei pra valer. Mas deixe-me contar.

Um dia Rodolfo tentou o beijo, claro, mas fiz ele ver que era hora inadequada, imprópria, porque, você sabe, beijo é carne enfiada na carne e isso é muito sério, misturar saliva é coisa que deixa marca, li isso em algum lugar. Não é como encostar nos meus peitos, podia até botar aquela língua morna neles e eu nem ia sentir tanto. Mas beijo é intimidade, não acha? Não? Mas comigo é diferente: não deixei Rodolfo beijar logo – corri o rosto pro outro lado, fiquei olhando um ponto bem longe, distante dele e distante do que ele queria. Me despedi mas querendo ficar, que-

rendo engolir Rodolfo e cuspir os ossos depois de chupar devagarinho. Não, mentira: eu queria os ossos também, e cabelos, unhas, roupas, entranhas. Mas recusei, disse tchau até amanhã e assim fiquei sem ver Rodolfo uma semana inteira, mas sabia que ele voltaria. Foi uma semana triste, de tardes sem gosto e de ir pra casa de ônibus. Em casa, calada, ruminando as horas, falando o terrivelmente necessário com minha família, pai, mãe, duas irmãs menores. Ele havia viajado pra São Paulo, negócios, e voltou e me trouxe um presente, que é esse cachorrinho de pelúcia, este aqui, que guardo como um dos muitos pedaços de Rodolfo espalhados neste quarto, neste apartamento inteiro. Foi aí, somente depois da escassez, da ausência de Rodolfo, que entreguei minha língua e a minha vida – mas não tão rápido, e sabe por quê? Um: eu do subúrbio e ele do lado bom da vida. Dois: eu servente e ele ricaço. Três: os dois juntos. Sabe que parecíamos namorados? Um dia perguntei a ele sobre outras mulheres e ele riu. Perguntei por que ele estava rindo e ele riu mais. Mas não era rindo de mim que ele estava. Abriu o mistério do riso: contou que era casado e tinha um filho, um filho já grande, treze anos, um meninão, mostrou a foto. Tinha também uma mulher que ele amava e que era bonita e de família mais rica do que a dele. Eu ouvindo. Ele falando como se falasse sobre carvão, sobre as minas que enriqueciam a família. A mulher dele era bonita, ele disse, era inteligente também e eu pensando, bonita, inteligente e rica: o que mais pode querer uma mulher? Rodolfo foi continuando. Disse que havia harmonia familiar, que os dois conversavam muito, que ele se dava muito bem com a família dela, o sogro era um homem bom e assim por diante, foi falando, falando. Fiquei olhando pra ele sem dizer nada. Aí ele perguntou sabe o quê? Se podíamos ir até a orla de

Camburi, tomar água de coco. Eu perguntei, pra quê? Vamos conversar mais, ele disse. Oito horas, olhei o relógio. Uma noite que ia durar cem anos, pensei. Concordei com ele, vamos então, e o carrão derreteu o asfalto. Sabe qual é o lance, o problema? Simples: um homem casado não quer se saber casado, pelo menos não quando a intenção dele é chegar perto de mim. Geralmente inventam histórias que eu descarto na hora, e é tudo sempre igual: embutem na esposa vinte quilos a mais, dizem que cheiram a leite azedo, que falam pelos cotovelos, que são implicantes e não vão pra cama há meses porque eles não querem e quando vão pensam em outras mulheres. E dizem mais: o casamento está no fim, é só uma questão de tempo. Aí eu penso, será que meu corpo vale tanto, será que essas curvas valem o cara sair inventando histórias só pra me comer? O que você acha, querido? Bem, então lá fomos nós até uma barraquinha, um quiosque com letreiro da coca e pedimos água de coco. Rodolfo me olhava de um jeito que parecia compaixão mas eu apostava que era desejo puro. Pedi dois canudinhos e, cheia de maldoso propósito, pousei os lábios com delicadeza neles. Queria que ele imaginasse meus lábios no pau dele, mordendo com vagar aquilo que eu imaginava bom e que a esposa devia saber ótimo. Fui bebendo devagarinho até que ele me surpreendeu com uma frase. A mulher dele sabia de tudo. É isso mesmo, não se surpreenda, ela sabia de tudo, dos passeios de carro, do subúrbio, do escritório, do cafezinho, sabia de como eu era. Fiquei parada uns vinte, trinta segundos e aí, querido, eu quis uma explicação. E Rodolfo explicou e essa explicação é o motivo de eu estar aqui e você estar aí, sentado, ouvindo minha história.

Bem a coisa é assim e somente assim: ele me viu e gostou de mim. Confessou que meu modo de andar é

atraente, e que minhas pernas são um negócio, gostosas mesmo. Ele falou gostosas e eu senti o gozo na boca dele, todo o desejo resumido em oito letras, o tesão ruminado. Disse que havia voltado umas três vezes ao escritório por minha causa mas aos olhos dos outros era o álibi dos negócios. Enganava todo o mundo, menos a quem? Não enganava a esposa, que soube de mim desde o primeiro dia. Mas como é que é isso?, eu perguntei, inconformada mas curiosa. Como é que uma esposa sabe – e ainda divide o homem com outra? Já vi isso no cinema e em livros mas nunca aqui, na realidade. Não sei como é que é isso, quero dizer, não sabia, porque hoje tudo bem. Olhe, mas na hora eu não gostei. Traída pela esposa, essa é a verdade. Ela sabia de tudo enquanto eu tomava água de coco, cheia de táticas, oferecendo os lábios, ensaiando o que iria dizer, pausando o vocabulário com certo esforço porque, você sabe, eu falo depressa e às vezes até me embolo. Fiquei surpresa e, portanto, vulnerável. Sem saber o que falar, fiquei ouvindo ele dizer que a mulher era compreensiva. Eu falei que tudo bem, foi só isso que eu falei e pedi pra ir pra casa. É claro que eu não queria a coisa desse jeito, até porque dessas coisas eu não entendia. Agora eu vejo como isso é fácil. Mas na hora, não. Pra mim ou havia infidelidade sempre ou amor único e absoluto, e não esse descaramento. Não contei pra ninguém – em parte porque me envergonhava. Esquisito, não? Mas eu estava cheia de vergonha por querer um homem que era casado e bem casado e que tinha uma mulher que sabia de tudo e que concordava até. Me sentia desmerecida. Com quantas outras tantas foi assim?, eu queria perguntar a ele mas as mil perguntas que eu tinha pra fazer pararam na garganta. Vim no carro pra casa, no carro dele, cinto de segurança pra me conter. Vim sem falar. Ro-

dolfo mudo também. Cortou a cidade, entrou no meu bairro e me deixou na esquina de sempre. Saí sem me despedir, bati a porta. No outro dia nem fui trabalhar, inventei uma desculpa de cólica, de dor intensa que eu estava sentindo e estava mesmo. Tudo bem, uma outra pode servir cafezinho, embora não possa olhar Rodolfo como eu olho, nem tem as minhas pernas e quadris e nem se chama Camila. Tudo bem, pensei até em não voltar mais, mas e a saudade? E a voz de Rodolfo num eco só, no meu sonho? E a língua dele na minha boca, nos meus dentes? E o jeito de olhar minhas pernas e ninguém sequer suspeitar? Voltei pro trabalho no outro dia, mas nada de me refazer. Os olhos tinham chorado vinte horas seguidinhas, mas nem eram problema se comparados à vontade de ver Rodolfo, que não apareceu naquele dia nem em outros dias seguidos. Outra viagem, pensei, mas nada. Ele estava na cidade e foi ao escritório duas vezes mas não pediu cafezinho. Como é que eu ia saber, então? Passei a vigiar. Fui ao estacionamento e o carro estava lá, brilhoso como deveria ser o corpo todo de Rodolfo e que eu havia perdido só por querer ele pra mim e não dividir com a esposa. E indo pra casa de ônibus, dando seis e meia e nada de homem nenhum esperando, nada de carro, nada de ombro de nadador. Duas semanas longas. Já desistida, resignada, sabe? Até que finalmente ele reaparece, num telefonema. Atendo com um alô sofrido e ouço a voz que entra e fica. Ele queria me levar pra casa. Foi objetivo mas não indelicado, e disse que ia me esperar no horário de sempre e no mesmo lugar. Minha tarde desgraçada se transformou imediatamente em vida feliz. Queria gritar, queria dançar até seis e meia, quando Rodolfo, pousado no carrão, iria me esperar pra contar o quê? Mas Rodolfo chegou mais cedo e eu fugi do trabalho porque nada mais importava.

Não eram nem quatro horas quando eu desci e ele estava lá. Nem falei nada nem ele: um longo beijo daqueles de arrancar os lábios e deixar mole, de eletrificar o corpo e a alma. Entramos no carro e ele não rumou pra minha casa. O destino era um bairro chique da cidade, este bairro aqui, num apartamento pequeno e aconchegante, de dois quartos e uma sala que é essa simpatia que você está vendo e usando. Sim, viemos pra este apartamento aqui, querido, e era bem diferente do que é hoje. A decoração agora é minha, a maioria dos objetos aqui são meus, mas não é isso que eu quero dizer. Viemos pra cá e num dos quartos havia uma cama arrumada. Eu não estava entendendo muito, mas sabia como a noite ia começar e acabar. Perguntei de quem era o apartamento e ele me disse, é seu. Ouvi e fiquei calada.

Entramos e ele foi tirando o meu vestido delicadamente porque queria ver meu corpo aos pouquinhos, como faz até hoje. Fiquei só de calcinha, minha pele cor de madeira boa, minha barriga que é durinha de natureza e não por causa de ginástica, que nem preciso mesmo, como essas franguinhas de academia. Rodolfo ficou olhando, calado, parecia rezar. Os olhos entravam fundo, como ele tinha feito antes com as minhas pernas. Pediu que eu me virasse. Tocou minha carne inteiramente, beijou meu corpo teso e em pé. Pedi que ele também tirasse a roupa e pude ver os braços, o peito, as pernas de nadador. Mais um beijo daqueles de sofrimento doce, como se aquele momento fosse o último e não uma série de tardes que ele vem aqui. Roubei-lhe o fôlego com beijos longuíssimos, esfregando meus mamilos duros na sua pele. Toquei o pau dele com carinho, esfreguei-o lentamente em minhas pernas até que sentisse ele infinitamente pronto para mim. Tirei a calcinha e me

apresentei como sua maior conquista. Rodolfo deitou-me na cama e sorriu. Não, querido, eu nem me lembrava de que ele era casado, bem casado, mulher compreensiva, filho grande, amor familiar. Nada disso. Rodolfo comeu-me com a boca, com as mãos, com os braços. Ali, querido, eu era a única. Cavalguei seu corpo durante minutos que pareciam semanas e depois ele me cavalgou e me comeu aos pedaços e toda completamente até eu não aguentar mais. Dormimos e acordamos e eu novamente fiz aquele homem explodir sua delícia na minha carne como se não houvesse outra coisa a ser feita e acho que não havia mesmo. Na cama, depois, ele me explicou que eu devia morar aqui, neste apartamento, e que deveria procurar outro emprego, se quisesse. Eu podia até voltar aos estudos mas os estudos vão me dar o quê? Nem precisaria trabalhar. É só ficar esperando que Rodolfo aparece e então ficamos trancados e fodendo e conversando e eu fazendo comida pra nós porque adoro ver Rodolfo comendo. Geralmente ele vem à tarde e já chega e me come em pé: eu arfando em agonia boa, minhas mãos nos quadris dele, e eu pedindo mais, pedindo que ele fique. Às vezes pede pra eu andar pelo apartamento nua, nuinha, como estou agora, exibindo tudo. E, deitado na cama, ele me olha como se fosse a primeira vez dele e minha. Depois ele vai embora, claro, volta pra sua mulher e pra sua família.

Ah, e não me venha com essa. Sou bem diferente dessas ex-virgens que são sustentadas por coronéis, isso a gente vê em novela. Sou diferente dessas mulheres mantidas a dinheiro e a sexo e sabe por quê, meu amorzinho? A diferença está justamente no fato de você estar aqui, e nós dois conversando e fazendo muito mais enquanto Rodolfo está fora, viajando. E mais: ele sabe que você está

aqui e aprova isso, acha que devo ter outros homens e isso não o desagrada porque é exatamente o que espera de uma mulher. É isso que espera da esposa e de mim. Custei a compreender, mas hoje, depois de anos, me acostumei. E Rodolfo, neste momento, está com a esposa numa viagem, talvez até o filho esteja junto, talvez não. Quem sabe talvez até estejam fazendo o que fazemos eu e você agora. Porque assim quer Rodolfo e com isso devo me acostumar, mas tenha certeza de que penso nele, somente nele, e não em você, querido, tenha certeza.